



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00

EDITORIAL

Há uns tempos atrás enviámos para o *Jornal de Notícias* o texto que transcrevemos na pág. 2. Nele damos conta do estado imundo em que se encontra o pinhal de Fão, também — e talvez mais conhecido — por pinhal de Ofir. Para nós são um e o mesmo porque não esquecemos nunca que Ofir surgiu para alavanca do progresso de Fão. Voltando no entanto ao aludido texto nós verberámos a enorme imundície que desabou sobre aquele encantador (agora conspurcado) pinhal.

Afirmámos ainda que os principais causadores de tal situação são os piqueniqueiros que enxameiam aqueles lugares aos sábados e domingos. Piqueniqueiros — frizámos — que não interessam a ninguém. Trazem tudo o que é preciso para as comensais e o que nos deixam é o lixo.

O presidente da Câmara de então, Eng. Lusa de Faria, quis fazer de Ofir uma praia de qualidade e consequentemente proibiu o acesso ao pinhal de automóveis nos fins de semana. Foi o fim do mundo com os fangueiros a bater o pé. Que não senhor. Que o pinhal era dos fangueiros, etc. e tal. O Presidente cansou-se, abandonou a ideia e até desgradamente morreu. Hoje ao falar-se do pinhal de Fão tem que associar-se a palavra porcaria.

Como nota final do referido artigo prevíamos como solução para tal estado de coisas a construção de mais moradias e o levantamento de novas cercaduras ao redor das propriedades. Isto vai defender o pinhal, é certo, mas em contrapartida vai sonegar o pinhal aos habitantes de Fão.

Estávamos nós posto em sossego quando o carteiro nos entregou uma carta de Helena Sousa Martins. Devemos dizer a propósito que a famosa Dona Helena, braço direito e esquerdo de Sousa Martins, tem 85 anos, está lúcida, muito activa e mantém a voz enérgica de outrora.

Pois na sua missiva diz-nos a signatária a carta altura: «Ao ler a notícia escrita por v. sobre o pinhal de Ofir devo dizer-lhe que porcos piqueniqueiros sempre os houva, e não só, pois eram também as empregadas das casas do pinhal que deitavam os lixos junto aos pinheiros. Agora vou dizer-lhe o que Sousa Martins fazia. Aos domingos pagava a dois praças da G.N.R. para policiarem o pinhal não consentindo pic-nics junto ao Hotel. As segundas pagava esc. 2,50 (vinte e cinco tostões) aos rapazes que lhe levassem um saco de lixo apanhado no pinhal e assim este estava sempre limpo».

Que dizem a isto os nossos hoteleiros?

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

MANUEL FARAÓ

Ao passarmos na R. Azevedo Coutinho e ao depararmos com a placa *Trav. do Faraó*, muitas vezes nos questionámos sobre quem seria o nosso antepassado com o apelido dos governantes do Egipto. Seria algum excêntrico que usava indumentárias parecidas com as dos habitantes do Vale do Nilo e que por isso ficou com a alcunha? Mas não. Faraó era um nome a sério de uma ou duas pessoas também a sério.



Manuel faraó

Vamos por partes: Existiram de facto dois Faraós que eram o Velho e o Novo. Queremos hoje destacar o Novo que era com efeito descendente directo do Velho. No entanto deixaremos aqui uns ligeiros traços do pai. Parece (indicação de uma parente) que se chamava José. Usava cachimbo e tamancos. Ninguém se lembra da sua profissão. Só nos souberam dizer que vivia dos rendimentos. Onde teria vindo o fundo de maneio? Embarcado? Teria ido abanar a árvore das patacas? Tudo é possível. A sempre jovem Miquinhas Turra disse-nos por sua vez que ele andava embarcado e que até numa ocasião, como ele tardasse a vir a casa, a esposa, Teresa se chamava, foi ao Brasil ter com ele e ficaram desencontrados.

Era talvez um pouco distraído. Confidenciou-nos a Mariazinha (Gaia) que uma vez ele andava desesperado à procura do cachimbo... com ele na boca.

Mas nós não vamos focar especialmente este fangueiro porque, ao que consta, *nada consta* em especial da sua pessoa. Não era uma figura típica, não só se destacou em nada de especial, nem na profissão, nem com qualquer acto ou característica que transcendesse o comum dos mortais. Para que alguém possa ascender a este pódio, não basta ter sido médico, engenheiro ou advogado. É ne-

cessário que se tenha destacado de um modo especial na sua profissão, que tenha sido *o mais* em qualquer coisa ou que se singularize com alguma característica. Tem que possuir um certo *quid*, embora este *quid* seja difícil de explicar. É assim a como justificar a atribuição de uma rua. Não basta ter exercido uma profissão rara. É necessário algo mais. Isto não quer dizer que haja coincidência total entre os nossos perfis e a toponímia fangueira. Existe apenas uma certa convergência. Para nós há nomes que faltam nas ruas fangueiras e há outros que lá não deviam estar.

Voltando ao Manuel Faraó, o leitor perguntará qual a razão de o trazer à ribalta jornalística. Já lá vamos. Manuel Faraó tinha um botequim que se situava no n.º 37 da Rua de S. Francisco da Prainha que ficava no Bairro da Saúde da cidade do Rio de Janeiro. Era composto de um cafezito, um pequeno restaurante e umas redes na sala de cima para as dormidas.

Bem, e que mais? Ora esse mais é que se torna importante revelar.

Qualquer fangueiro que desembarcasse no Rio ia logo direitinho ao *consulado* que era a casa do Manuel Faraó. Quer levasse ou não levasse dinheiro, era tratado como pessoa de família. Tinha casa e roupa lavada até que surgisse um emprego. Pagaria quando houvesse dinheiro. Mas a sua bênção ia sobretudo para os embarcados. Naqueles tempos, já lá vão uns sessenta anos ou mais, a vida era dura também no Brasil. Muitos fangueiros ficavam em certas épocas do ano, um, dois, três meses sem trabalho, afora uns biscates de vez em quando. Onde se alojavam? Em casa do Faraó, pois não. A todos o providencial conterrâneo atendia com afabilidade; ninguém ficava sem agasalho no seu estabelecimento. Muitos, em reapanhando emprego, não demoravam em saldar as contas. Outros, porém, esqueciam-se para sempre. Mas isso não arrefecia o ânimo benfazejo do nosso patricio. A sua lide de benemerência manteve-se pela vida fora e a sua memória ficou gravada na mente dos que o conheciam como a de um generoso protector.

Em Fão a sua casa existiu onde hoje se ergue a Farmácia Higiénica. Não temos elementos que nos levem a afirmar quando nasceu nem quando morreu. Manteve-se solteiro toda a vida, embora numa das vezes que à terra veio pretendesse casar com uma prevenida jovem de então, a Cordelina Gaia que hoje vai pelas 82 primaveras. Cremos que é fácil concluir que morreu relativamente novo. A sua morte, ocorrida em Fão não deve ter ultrapassado os 60 anos pois ainda foi padrinho do Manuel Soares.

(Continua na pág. 2)

PERANTE A PASSIVIDADE DOS AUTARCAS E PROPRIETÁRIOS «PIQUENIQUEIROS» SACIAM-SE DESTRUINDO PINHAL DE OFIR

Há uns anos atrás, o falecido eng.º Losa de Faria, então presidente da Câmara Municipal de Esposende, empenhou-se em fazer da praia de Ofir uma praia de qualidade. Dadas as estragações que os «piqueniqueiros» faziam naquela zona, aquele autarca proibiu o seu acesso, ou melhor, proibiu o acesso de automóveis e de autocarros à zona ocidental do pinhal de Ofir, colocando praças de GNR nos locais de entrada daquela zona.

Tal medida não foi verdadeiramente entendida pelas pessoas da terra, que levantaram protestos, tentaram forçar as entradas, enfim, pintaram a manta. Vociferavam alguns habitantes locais que lhes estavam a impedir a livre circulação na sua própria localidade. Curiosamente, eram as pessoas de Fão que mais problemas levantavam, quando se sabia que os fangueiros aos domingos — os dias de interdição — raramente apõntavam os seus carros para aqueles lados. Tudo isto veio a aborrecer o eng.º Losa que acabou por desistir de quaisquer medidas protectoras da zona de Ofir.

O resultado hoje está à vista. Ofir possui um pinhal verdadeiramente emporcalhado. Por todos os sítios se vêem papéis, latas, garrafas, restos de comida, o que singularmente choca quem veraneia naquela estância. Alguns hoteleiros têm recebido cartas contendo queixas pelos motivos acima expostos, cancelando por isso possíveis estadias.

O povo de Fão só agora começa a compreender que os «piqueniqueiros» não interessam nada à terra. São normalmente famílias de fora que trazem consigo todas as comezainas e que portanto não fazem quaisquer compras nos estabelecimentos locais. Depois de descansarem na praia, avançam para o interior do pinheiral, estendem os farnéis, «amesendam-se», saciam-se e no fim abandonam a esmo os desperdícios, com total desprezo para quem posteriormente vier ocupar o mesmo local.

Que fazer ante um tal estado de coisas? Claro que a primeira entidade a quem competia impedir a entrada aos «piqueniqueiros» seriam os respectivos proprietários. Verifica-se, porém, uma total inércia da parte destes. Não estão para se incomodar e muito menos para cintar as propriedades de qualquer vedação. Trata-se de terras sempre vendáveis e só há que esperar pelo tempo para engrossar as respectivas propostas de venda. Por este lado, portanto, não se vai a parte nenhuma.

O povo vira-se para as autoridades, mas estas, uma tanto «pilaticamente», afirmam que os terrenos têm dono. Não será bem assim. Há uma face socioturística que interessa preservar. As autoridades devem suprir com medidas adequadas o incivismo das populações para que daí não resultem prejuízos para terceiros, terceiros que se chamam hotéis, lojas, cidadãos e, em síntese, a face da freguesia. Aliás, as próprias autoridades não se sentem isentas de uma certa co-responsabilidade, tanto que se empenharam na colocação de dísticos espelhados pelo pinhal, chamando a atenção para a limpeza. A própria Televisão mostrou já grupos de jovens, pagos pela Câmara de Esposende, a limparem o pinhal de Ofir.

Ultimamente, foi dada licença para que a construção de casas no pinhal não necessite dos dois mil metros quadrados, área exigida desde os tempos de Sousa Martins, um dos pioneiros de Ofir. Tal redução, para além de encorajar o aparecimento de novas casas, vai ensejar o aparecimento de sebes vedadoras que de certo modo desencorajarão as investidas no pinhal. Estará aqui encontrada a panaceia? Seja como for, os fangueiros, lenta mas inexoravelmente, vão ficando sem o «seu» pinhal.

Do «Jornal de Notícias» de 2-9-89

CORO DA MATRIZ

No último domingo de Setembro mais uma vez se exibiu na televisão o Coro da Matriz de Fão sob a batuta do Maestro Faria Borda. Foi na missa dominical, pela manhã.

Trata-se de um coro bem afinado, muito harmonioso, com vozes já muito bem tratadas. Gostamos da apresentação (indumentária) dos homens. Ainda não há homogeneidade mas viu-se que toda a gente botou camisa e gravata novas.

As sopranos evidenciaram-se como é natural. De resto, todos os naipes estão de parabéns. Vida e saúde, P.e Borda!

MANUEL FARAÓ

(Continuado da pág. 1)

PS.: A maior parte destes dados foram-nos fornecidos pelos «brasileiros» Adelino Saraiva e Artur Sobral. Espantamos, contudo, que Amândio Caramalho nunca tenha mencionado o seu nome embora no número 54 deste jornal faça uma alusão a um botequim de Elias Ala, casado com Arminda Turra, precisamente na R. de S. Francisco da Praia, no Bairro da Saúde, onde se fazia a concentração dos fangueiros embarcações e para onde a maioria das famílias de Fão mandava a sua correspondência.

Seria a mesma casa com épocas e donos diferentes?

AS FESTAS DAS NOSSAS FESTAS

Quase a findar a época das festas. Com elas, este riquíssimo Verão que se fez sentir no litoral nortenho.

Destaco algumas «festas» nas nossas festas.

— A do Senhor Bom Jesus começou ao toque de algumas navalhadas pela disputa dos locais para a instalação das barracas.

— Vieram depois as do S. João. Os responsáveis foram enganados por um tal engenheiro e comitiva. Encheram a «mula» de sardinhas e vinho, prometeram para o dia seguinte um cheque no valor de quarenta notas de conto, mas para grande desilusão dos organizadores, nem cheque nem engenheiro apareceram.

Bom, o melhor é dar o dinheiro ao homem. Ele bem precisa! Não acham?

— Tivemos há dias as festas da Senhora da Bonança. Tudo correu pelo melhor, pois a briosa comissão não se poupou a esforços para que os fangueiros e todos os que por cá passaram tivessem um óptimo fim-de-semana.

Foi, porém, com grande espanto, que a tal comissão, ao chegar ao local para desmontar e carregar o palco que tinham ido pedir emprestado a Fonte-Boa, deparou só com, o local... O palco tinha voado, tendo ir parar ao largo dos Bombeiros sem que ninguém o tivesse levado! Coisas do arco-da-velha! Mas com gente de paz não pode nem deve haver guerra.

— Realizaram-se as festas de Santo António da Fonte. Para já, sabe-se que partiram alguns cântaros.

Ficamos a aguardar que não se parta mais nada...

E que no burquinho se retomou a tradição da pedrinha.

Não deixemos morrer as tradições e que todas estas comissões mereçam o apoio e os nossos aplausos.

Do Cantinho do Cortinhal

Ministério dos Negócios Estrangeiros

ISENÇÃO DE CONTRIBUIÇÃO PREDIAL

Os portugueses residentes no estrangeiro que tenham adquirido imóveis até 31 de Dezembro de 1988 ao abrigo do sistema «poupança-emigrante», mas que não requereram em tempo oportuno a isenção da contribuição predial, podem ainda fazê-lo até final do corrente ano, conforme dispõe o art. 3.º, n.º 3 do Dec.-Lei n.º 215/89, de 1 de Julho, que aprovou o Estatuto dos Benefícios Fiscais.

Através deste dispositivo legal, todos aqueles que adquiriram os seus imóveis antes da entrada em vigor da Contribuição Autárquica — que substituiu a antiga contribuição predial — não serão prejudicados pela diferença de mecanismos previstos no anterior e no novo regime.

Recorde-se que, enquanto na vigência do Código da Contribuição Predial a duração das isenções concedidas aos imóveis adquiridos através do sistema «poupança-emigrante» podia variar entre 2 a 10 anos, o regime actual prevê que os prédios adquiridos mediante aquele sistema beneficiam de uma isenção de Contribuição Autárquica por um período fixo de 5 anos.

★★★★★

estalagem
PARQUE
DO RIO

OFIR
PORTUGAL

UM LUGAR TRANQUILO

Tel. 961521 - 2 - 3 - 4 — Telex 32066

PONTOS DE VISTA

PASTORA



O Quim de Fão vai descansar estes meses até às eleições. Uma vez que está metido nelas não quer influenciar ninguém com os seus pontos de vista.

Esperemos que o «bichinho» seja maior que bicho escrúpulo, que o «Novo Fangueiro» sem os Pontos de Vista para muitos leitores é como uma pistola de alarme: não faz fãisca.

Na caricatura o Quim reflecte sobre a realidade fangureira.

ASSIM VAI O FUTEBOL

O futebol está a rolar. Comprou-se uma carrinha ao Joaquim Carlos que está em muito bom estado. O José António, ou seja, o Chapinha, aquele tal que tem umas mãos de prata, para os carros, claro, restaurou o veículo em pintura, mecânica e também, como se depreende, em chapa e no fim, em lugar de receber dinheiro, ainda ofereceu 20 contos ao Clube. Aí, Chapinha dum raio! Afinal o bairrismo ainda não morreu em Fão.

Por falar em contos, o nosso contereão, consul António Sá Pereira, que é um amigo dedicado e atento da nossa terra, ofereceu 100 Donas Maria ao C. F. de Fão. Com a promessa de, por ser amigo de Valentim Loureiro, veicular para o Clube chuteiras e bolas que sobrem ao Boavista.

Esperemos que estes exemplos ajudem os nossos jovens a perceberem Fão de outra maneira.

PRÉMIO ESCOLAR PROF. PIO RODRIGUES

Antes de mais, vamos a contas. A coisa começou em 1986. Numa primeira fase conseguiram-se esc.: 70.000\$00 resultantes de subscrição entre antigos alunos, noite de fados, mais arredondamento. Numa ulterior fase verificaram-se várias ofertas, noite de fados, venda de bilhetes, mais Dia do Bolo (51.000\$00) o que fez esc.: 153.000\$00.

Depois temos juros de esc.: 70.000\$00 desde 22-12-86 a 31-8-89 que rendeu esc.: 23.503\$80; e ainda juros de esc.: 153.000\$00 desde 16-2-87 a 31-8-89 no total esc.: 45.977\$00.

Tudo somado com o Dia do Bolo (56.500\$00) perfaz esc.: 348.980\$80.

Fizemos um depósito a prazo com esta importância e com esse rendimento instituímos o Prémio Prof. Pio Rodrigues que funcionará ainda neste ano lectivo. A comissão inicial vai reunir para deliberar em definitivo.

A quem quiser verificar as contas e comprovar se o seu nome lá está faça favor.

Nas verdes colinas, nos altos outeiros,
Tão perto do céu,
As mansas ovelhas, os alvos cordeiros
São neles um véu.

Ao lado a pastora com veste garrida
E beijos do vento,
Parece uma rubra papoila descida
Do Azul firmamento.

E guarda o rebanho com todo o cuidado
No monte e no vale,
Não vá qualquer anho cair no valado
Sofrer algum mal.

Os lobos não teme, pois sabe que o Céu
A guarda também;
E reza uma prece que um dia aprendeu
Ao colo da Mãe.

Então ela canta e às vezes só dança
À volta da ermida;
Bendita pastora que ainda é criança
Na alma e na vida.

E pensa no queijo, que alguém amanhã
Feliz comerá,
E pensa na roupa quentinha de lã
Que alguém vestirá.

O sol todo airoso, abrindo a cortina
Da nuvem que passa,
Sorri de contente p'ra linda menina
Tão cheia de graça.

E passam as aves, acenam da altura
Com harpas sonoras,
E logo as ovelhas respondem canoras
Com lirás de alvura.

E há flautas de grilos nas verdes campinas
E os ais dum ribeiro,
E a brisa oferece perfume fagueiro
Das maias, boninas.

A tarde já chega com sons ao poente
E tintas vermelhas,
E logo a pastora conduz diligente,
Cordeiros, ovelhas...

À frente caminha, garbosa a donzela
Com todo o primor;
— Que cena bonita, que linda aquarela
P'ra mão dum pintor.

DINIS DE VILARELHO

SINAIS DE TRÂNSITO

A rua de trás das Pedreiras, bem ou mal, já está feita. Com os dinheiros do FEDER e com a boa vontade dos donos dos terrenos, que existiu de facto, podia-se ter feito uma rua digna de um país da CEE. Faltou visão, mas enfim.

De qualquer modo e mesmo tal como está, pode servir de alternativa à Rua Serpa Pinto. Para isso falta a necessária sinalização.

Esclarecendo melhor. É necessário que no lugar do Pacheco, que fica entre o cemitério e o posto de abastecimento, coloquem uma placa com as palavras: Vila Seca e Barcelos, tal como se encontra no Rego da Cruz.

Isto desactivava bastante a citada rua.

Esperamos que a Junta não faça ouvidos moucos como acontece com o sinal de trânsito situado junto ao banco.

ÁFRICA ADEUS!

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

Tudo naquela manhã de Março de 1961 parecia calmo na Roça Bom Destino. Demasiado calmo, que até fazia desconfiar.

Os brancos, habituados à rebeldia dos pretos, admiravam-se agora com a sua aparente submissão.

Sete horas da manhã. Tinha tocado o sino para a formatura dos trabalhadores bailundos e estes já se encontravam em formatura para receberem ordens. Os encarregados brancos deram instruções quanto aos trabalhos agrícolas a realizar e depois disto todos partiram em direcção aos trabalhos que lhes tinham sido destinados. Meia dúzia deles ficaram na enfermaria a fazer pequenas curativas para depois seguirem para o seu local de trabalho.

Estes trabalhadores eram oriundos do Sul de Angola, mais precisamente da região do Bailundo. Daí o nome de bailundos.

Eram bons trabalhadores e eram contratados por um ano, tendo o patrão que depositar todos os meses os seus salários na Tesouraria da Fazenda Pública, para que no fim do contrato lhes fossem pagos integralmente.

No final do contrato o patrão tinha que os pôr na terra deles, sem quaisquer encargos para eles.

Esta foi a solução encontrada para re-

solver o problema da falta de mão de obra no Norte de Angola, região privilegiada para a cultura do café.

Na maioria das fazendas, para além dos trabalhadores bailundos, também trabalhavam muitos naturais da região, chamados *Voluntários*.

A Roça Bom Destino não fugia à regra e como tal lá trabalhavam cerca de cinquenta trabalhadores *voluntários*. Mas faltavam tanto que raras vezes compareciam mais de vinte.

Como sempre, a formatura dos voluntários fazia-se depois das oito horas.

Curiosamente naquele dia a formatura era um pouco maior que o habitual, mas mesmo assim com muitas faltas.

Depois de um empregado ter feito a chamada, aproximei-me da formatura e perguntei se havia muitas faltas. «Menos que o habitual», respondeu-me o empregado. «Mas há aqui um que já falta há uma semana».

«Quem é ele?», perguntei. «É o Francisco Mutange do Kaiaka», respondeu-me o empregado.

O povo Kaiaka, situava-se a meio caminho entre a Roça Bom Destino e a Povoação de Vista Alegre.

Era a aldeia indígena mais próxima do Bom Destino. Distava apenas cerca de quinhentos metros.

Daí resultava que todos os seus habi-

tantes fossem conhecidos na Roça. Como uma grande parte dos homens do Kaiaka trabalhavam no Bom Destino, dirigi-me a um trabalhador e perguntei-lhe: «Ouve lá, onde está o Francisco Mutange?»

«Ele fugiu para o Bulangongo», respondeu este. «Ele tem lá família e por isso foi para lá», concluiu. «Está bem», respondi. «Podem seguir para o vosso trabalho».

Os trabalhadores dispersaram, mas não me passou despercebido o olhar do Manuel Corocóge, indivíduo conhecido entre os naturais pela sua crueldade. Todos os pretos o temiam, muito embora os nativos não falassem aos brancos sobre os seus problemas. Até se encobriam uns aos outros.

A verdade é que alguma coisa sempre transpita para fora e o Manuel Corocóge era conhecido pelas suas barbaridades.

«Corocóge vem cá», chamei eu. Este estremeceu mas tentou manter a calma. «Onde está o Francisco?», perguntei. «Ele fugiu para o Bulongongo, patrão. Ele levantou a maleta com a roupa e foi para a família que lá tem».

Fitei-o nos olhos e não tive dúvidas que havia qualquer coisa que eles não me queriam revelar.

«Bem», concluí, «se ele não quer trabalhar aqui é lá com ele. Podem seguir para os vossos trabalhos».

(Continua)

ECOS DE FÃO

Meu doce Fão dos pinbetrinbos... Cantava, pela noite dentro, um trovador! E, desde o Alto do Ramalhão naquela singela ternura a mais bela cantiga de Fão, ecoava do rio ao mar. E, quando o planeta da terra alumia a negra noite reflectindo raios de luz desde a ermida da Bonança até ao mosteiro do Bom Jesus, ainda a varina era acordada ou a rendilbeira atarefada picando a sua almofada e em ouvidos transformadas, para escutar nova cantiga do fadista muito amado. Com sua guitarra a trinar desde o mais belo Cortinbal o galante poeta, na brisa, era levado e pelas ninfas do rio era inspirado a declamar em qualquer lado novas estrofes... nobres quadras... ou a canção da sua alma que há muito trazia consigo, numa reminiscência antiga a povoar o seu espírito à espera de noite calma! Talvez fosse a cruz do seu destino que carregava, nessa noite, de castigo pelos sete cantinbos do fado, e, tamanbo encanto só perea ao falar no cais ao frade, ou cruzar por sob a férrea ponte sempre para o Norte bem voltado, ou vislumbrado bem o monte contendo as estrelas do Faro olbando o Céu estrelado. Mas, se a linda serela voltava, o trovador de novo encantava e o fado voltava outra vez, de novo, aos ouvidos do seu nobre povo antes de alumiar de novo o Sol todo esse magnífico torrão. E, por toda a linda terra de Fão, ecoava nova prece nos Céus com muito carinho e fervor como uma nova oração a Deus. Continuava pela noite dentro, um trovador: — Mansos baltrinbos, que lindos...

CASANOVA

ÓPTICA Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA

• ÓPTICA
MÉDICA

• LENTES DE
CONTACTO

• APARELHOS
DE PRECISÃO

R. DA MISERICÓRDIA, 6/12

4700 BRAGA ☎ 7 57 77



PÁGINA JOVEM

PAUSA PARA SORRIR

Olá, jovens! Então que tal esse reencontro com as aulas, os colegas, os professores? Oxalá tudo esteja a correr pelo melhor, para que o ano escolar que começou seja um ano de êxitos. Boa sorte!

Dois lavradores disputam, em Tribunal, a posse de um pequeno regato. O juiz estranha tanto interesse por uma coisa tão insignificante.

Então, o escrivão esclarece-o:
 — Saiba V. Ex.ª, Senhor Juiz, que estes senhores vendem vinho...



Um sujeito, muito exaltado, desabafa com outro, contando-lhe que um malcriado o tinha insultado:

— Imagina que o malandro me chamou burro velho!

Pergunta-lhe o amigo, contristado:
 — E que idade tens tu?



A mulher lamenta-se:
 — Parece impossível! Passas o tempo todo a ler! Quem me dera ser livro!
 Responde-lhe o marido:
 — O que tu devias ser era calendário, para eu te mudar ao fim do ano!



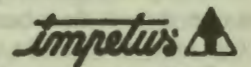
Um sujeito muito distraído está a contar a outro uma peripécia de caça:

— Imagina que se não me afasto tão depressa, um imprevidente tinha-me atingido em pleno peito!

— Que horror! — exclama o amigo. Podias ter morrido!

— Exactamente! Se ele me tem acertado, tu estarias agora a conversar com um cadáver!...

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE:



A VIDA DE UM PEQUENO RIACHO

Por FLORBELA GONÇALVES

(Continuado do número anterior)

Iam refugiar-se noutras florestas. Uns hibernavam, outros permaneciam activos durante toda a época.

O Inverno passou, chegou a Primavera e com ela vinham os animais e o leve e fresco aroma da natureza. As flores, por sua vez abrigam-se aos primeiros raios de sol. Agora tudo permanecia nos altos e intensos perfumes das flores, tudo era realçado pelos mais diversos tons de cores. O riacho tornara-se feliz, alegre e as suas águas ficaram límpidas com o brilho que outrora tivera, era já mais velho, agora já não lhe podiam dizer que era novo pois tinha crescido.

Os peixes tornaram a saltitar nas suas águas. Tudo tinha voltado ao normal, mas ainda mantinham um certo receio, que aos poucos foi desaparecendo. Agora estavam preparados para o que desse e viesse. Tinham feito a promessa de que se algo acontecesse, se manteriam todos juntos, por maior que fosse o problema, e que nunca deixariam aquela floresta onde tantas horas de alegria como de tristeza todos tinham passado. Ajudando-se mutuamente eram capazes de tudo até combater qualquer catástrofe. Sentiam-se unidos e seguros, como se aquele incêndio fosse uma lição que todos os animais tinham de aprender para no futuro serem unidos e enfrentarem todos os problemas. Foi um paraíso para os animais e para o riacho. Durante muitos anos foram felizes, até que um dia o homem interferiu fazendo estradas por entre o denso matagal.

FIM

EU SOU

*Eu sou a sombra do Mundo
 Penumbra cinzenta da Vida.
 Sou água, sou mar, sou fundo,
 De estranha existência perdida.*

*Eu sou o lado oposto à Terra
 Mármore sombria do planeta.
 Sou arma, sou sangue, sou guerra,
 Sou a procura intensa do poeta.*

*Eu sou o grito que não se ouve,
 Sou a loucura que não se vê.
 Sou a multidão que não se move.*

*Eu sou a imagem na tua perdida
 O impossível em que ninguém crê
 Mas que a teu lado passeia, viva!*

CARLOS MIGUEL SANTOS

O CÂNTICO DA COTOVIA

Sossega... sossega, cotovial
 Retarda o teu cântico de alvorada.
 Repara que é alta a madrugada
 E tarda ainda a ser dia.

Sossega...

Quero ouvir o teu trinado
 Quero, mas enquanto noite, não.
 Deixa que ela se dissipe e então
 Canta quando o sol raiar.

Porque então...

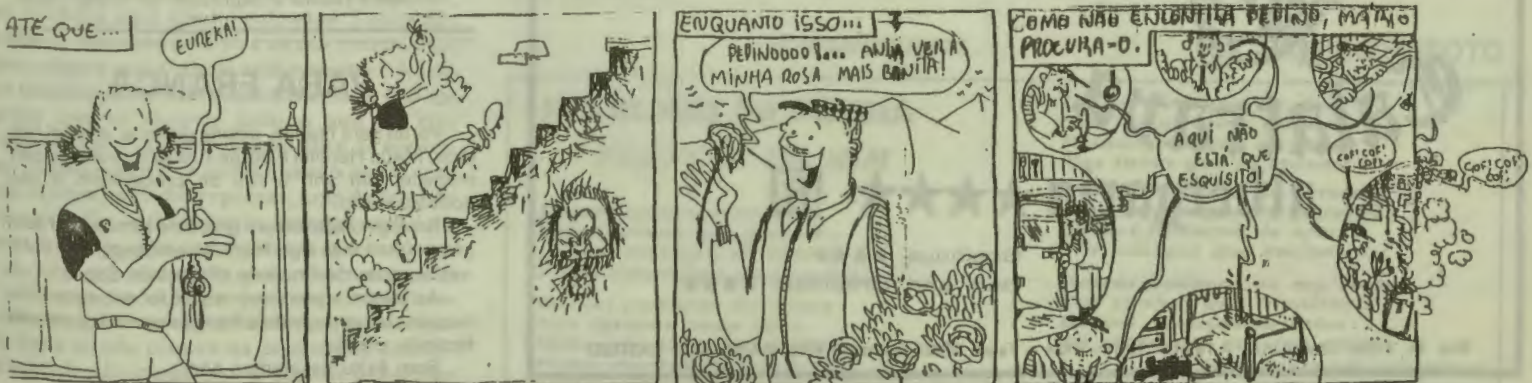
Verei as boninas nos campos
 Verei a vida e os encantos
 E direi. — Adeus, solidão!

E o teu cântico, linda cotovia,
 Será uma nova melodia
 Dentro do meu coração!

MACUMY

(Continuado do n.º anterior)

(Continua)



CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

UMA DESFOLHADA EM FÃO

Concretizou-se, no sábado, dia 30 de Setembro, uma das iniciativas que fazia parte do plano de festas da Cooperativa Cultural de Fão, para este ano.

Como é do conhecimento público, a C. C. de Fão ainda não tem sede e, portanto, tudo quanto fez foi organizado em recintos públicos ou lugares cedidos por pessoas interessadas no progresso desta terra.

Desta vez, foi uma «Desfolhada» na quinta do sr. José Mena, conhecida pela Quinta do Pacheco.

Vou tentar descrever, a forma como tudo decorreu.

Num campo, aonde os pinheiros davam alguma sombra, preparou-se um recinto, rodeado por bancos feitos de troncos e tábuas e onde cerca de 60 pessoas, num convívio franco e alegre, começaram a desfolhar as massarocas.

Os sacos iam-se enchendo rapidamente, pois os «trabalhadores» na mira numa boa malga de vinho verde, davam largas a uma actividade digna de registo.

Começaram a elevar-se algumas vozes e logo os tocadores se aproximaram para as acompanhar.

Os guitarristas Armando Solinho e filho, Eng. Miranda do Vale e o Barbosa não deixaram os seus créditos por mãos alheias.

Tocaram e cantaram, contagiando toda a assistência que acabou a cantar com eles.

Os filhos, e mais familiares dos donos da casa andavam numa roda viva, a trazer mais canas e a levar os sacos cheios de massarocas que mais pareciam barras de ouro, de tão amarelas que estavam. Era interessante ver o panorama, um pouco já em desuso, dessas tarefas campestres.

Depois chegou a hora da merenda.

A dona da casa improvisou uma mesa que, depois de coberta, encheu de bôla com sardinha, ainda quente do forno.

Estava uma especialidade.

Depois chegou a boroa, também quente e foi vê-la a acompanhar a boa sardinha assada, tudo regado com bom vinho novo.

Num recanto o Rafael de Oliveira, tradicional assador de sardinhas, lá estava entregue a essa tarefa que para ele já é habitual.

Não tinha mãos a medir. Só se viam pedaços de boroa, sardinhas assadas a pingar, e a respectiva malga, tingida do precisos líquido. Parabéns.

Quero aqui salientar a gentileza dos donos da quinta.

Enquanto os convidados conversavam e riam, a dona da casa não cessava de ver se tudo corria bem. Sempre atenta, não desaparecia a olhos vistos. Estava uma delícia. Parabéns também.

O dono da casa distribuía o vinho em malguinhas que, mal esvasiavam, eram logo cheias.

Muito obrigada por tudo. A Cooperativa nunca esquecerá tanta gentileza.

Depois, sentados um tractor, recomeçara, a alegrar o ambiente. A assistência, bem disposta e alegre, aqueceu o ambiente.

Começaram a ouvir-se algumas vozes: a Zita Saraiva, a Rosinha Torres, o marido, o Manuel Penetra, os próprios tocadores e algumas pessoas mais. Foi um belo convívio.

A tarde estava serena e linda. Depois, ao cair da tarde, a paisagem do campo, com os molhos das canas já atados, os sacos cheios de massarocas a um canto e os convidados a fazer roda, lembrava aquela desfolhada descrita por Júlio Dinis nas Pupilas do Sr. Reitor.

Quero aqui, também, salientar o auxílio que o Sr. Martins deu à realização desta «Festa».

Embora todos colaborassem e dessem o melhor do seu trabalho, por detrás de tudo isto está o grande esforço e entusiasmo do Sr. Duarte. Sem ele nada se teria feito. Não deixa cair os braços perante

as dificuldades e a ele, se deve quase tudo que se fez.

Para fechar o círculo das actividades de 1989, no dia 11 de Novembro, sábado, realizar-se-á a festa de S. Martinho.

Haverá castanhas assadas e bom vinho, não faltando a boa disposição.

Parabéns. C. C. de Fão.

Nota da Redacção: *Se o leitor ouviu a Dona Cecília a cantar, corria já a inscrever-se na Cooperativa, parecia uma mentina do coro... com 17 anos.*

DOENTES

Já se encontra completamente restabelecido de uma intervenção cirúrgica a que foi submetido no Porto, o nosso prezado assinante Dr. José Bernardino Amândio.

Foi vítima de um acidente no seu próprio iate.

Congratulámo-nos com a perfeita recuperação conseguida.

★

Ainda se encontra amarrada ao gesso e às canadianas a nossa prezada conterrânea dr.ª Rosa Torres, ilustre Presidente da Assembleia Geral, que nos últimos dias de Setembro sofreu em casa um acidente de que lhe resultou a fractura do metatarso.

É o segundo e quase o mesmo acidente que a dr.ª Ró sofre no espaço de meses.

Desejamos-lhe um pronto e perfeito restabelecimento.

★

Também foi internado numa casa de Saúde do Porto o nosso conterrâneo P.e Avelino Borda que foi operado à vista.

A operação correu com êxito pelo que nos congratulamos.

MORREU O ABEL TORRES

Já com a edição deste jornal fechada, tomamos conhecimento da morte do Abel Torres, no Brasil.

O Abel, oriundo de uma família considerada em Fão, foi na sua juventude um jovem despreocupado, alegre e folgazão. Integrou várias direcções de futebol e era um entusiasta pelas coisas da terra, aliás como os seus irmãos.

Com o peso dos anos embarcou para o Rio onde veio a casar com uma conterrânea com quem se havia já relacionado na terra-mãe.

Actualmente estava aposentado e todo se agravava quando recebia o nosso jornal.

A sua morte ocorreu de um modo súbito quando à mesa conversava com familiares.

A toda a família a expressão do nosso pesar.

PARA FRANÇA

Partiu para França, cidade de Paris, o casal médico, Maria Herclília e Jorge Areias que ali vão permanecer um ano a fim de prepararem o seu doutoramento.

No último sábado um grupo de familiares e amigos prestou-lhes significativa homenagem no café-restaurante do Sr. João (Pastelaria Sport).

Ao jovem e promissor casal foi entregue uma pequena salva de prata e formulamos votos de uma fecunda estadia.

Bom êxito desejamos nós.



Calatrava

albergaria ★★★★★ [R]

Gasthaus ★★★★★

Bed and Breakfast ★★★★★

DE APÚLIA

NOTAS DESPORTIVAS — Finalmente, como se antevia, o Grupo Desportivo de Apúlia deu um ar da sua graça. Venceu (bem) o Gandra, equipa aguerrida e bem arrumadinha, que tinha vencido o jogo da primeira volta, em Apúlia. O resultado, 2 x 1 não expressa fielmente a relativa superioridade do Apúlia. Ambas as equipas mereciam mais golos, num jogo arduamente disputado e até com períodos de bom futebol.

Parabéns ao Apúlia e também ao Gandra, na realidade duas boas equipas, servidas por muitos jovens jogadores com muita força e já com boa técnica.

★

A bancada, um dos melhoramentos que a actual Direcção se propôs realizar, já está construída.

Sem cobertura, que virá numa outra fase, num futuro próximo, ela tem capacidade para 600 pessoas sentadas.

★

O piso do campo de jogos, que estava impraticável, também foi renovado em toda a sua extensão, ficando agora capaz de proporcionar bons espectáculos.

★

Também as obras dos balneários estão concluídas. As paredes laterais na parte interior foram cobertas com azulejos, e o chão com troleira.

Foram melhorados os balneários com mais «chuveiros» e feita a ligação de água quente para as cabines dos árbitros e da equipa visitante.

As obras anunciadas importaram em mais de dois mil contos, mas melhoraram muito o seu aspecto estético e a sua funcionalidade.

A ÁGUA (NOSSO) DESCONTENTAMENTO — Não está certo. A água que se (não) consome paga-se como boa e a verdade é que ninguém a pode tragar. Mas pior ainda, é que ela no estado actual, é até perigosa para a saúde pública. Com a saúde das pessoas estão em jogo também diversos outros factores de ordem económica, social, psíquica e até o equilíbrio emocional de muitos lares.

E a saúde das crianças e dos idosos, daqueles (tantos) que não têm possibilidade de a comprar ao garrafão ou de a ir «buscar» à fonte santa de Golos? As plantas que se estragaram, os animais domésticos que morreram ou ficaram doentes, a roupa que teve de ficar por lavar ou se estragou, os prejuízos das casas comerciais, sobretudo dos restaurantes e cafés? Quem responde por tudo isso?

E, como a culpa, que nasceu de mãe silteira, também aqui não há culpados. Todos são vítimas. Ou então a culpa é só dos outros. Não tem culpa o poder local nem o central. A culpa também não é das tinturarias nem dos esgotos que se despeja todo o ano no rio; também não é da EDP que só abre as torneiras quando abre e as fecha quando quer; nem dos açudes, nem das represas, nem da falta de uma estação de tratamento. A culpa aqui é do mar, que não tem nada que ter marés vivas, e do céu que não deixa passar a chuva.

O certo, certo, é que os recursos hídricos estão a esgotar-se rapidamente e que o lençol de água se não renova na proporção das necessidades da população. É urgente pensar-se

em recursos alternativos. É necessário proceder-se à construção de uma estação de tratamento.

Só assim a água continuará a ser fonte de vida.

FALECIMENTO — Faleceu no dia 26 do passado mês o senhor Manuel António dos Santos (Pantojo) residente no lugar da Igreja.

NOTA: O pagamento da assinatura é feito no Café Girassol.

AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Cá estamos, mais uma vez, para ajudar esse colesterol a trepar um pouco mais. Vamos tentá-lo com

VITELA RECHEADA

Corta-se um bocado de peito de vitela de modo a dar-lhe uma forma regular. Abre-se, então, ao meio da espessura, com uma faca bem afiada, formando uma espécie de saco que se recheia com o seguinte:

Põe-se as aparas que se tirou da vitela numa frigideira, com manteiga e cebola picada e levam-se ao lume a alourar, acrescentando o molho com um pouco de caldo, e deita-se-lhe arroz cozido, polme de batata cozida e ovos cozidos, partidos miudinhos, mexendo tudo muito bem e temperando com sal e pimenta.

Este recheio introduz-se na abertura que se fez no peito de vitela e fecha-se com palitos que se atravessam de lado a lado.

Vai-se depois a assar do modo habitual e deve servir-se fria.

PUDIM À DIPLOMATA BRITÂNICO

Gemas de ovo — 9.

Claras de ovo — 1.

Leite — 3 decilitros e meio.

Açúcar — 250 gramas.

Vinho do Porto — 1 cálice.

Raspadura da casca de um limão e baunilha q.b.

Batem-se as gemas com a clara, junta-se o leite, o açúcar, o vinho do Porto, a raspa da casca de limão e a baunilha ralada.

Amassa-se tudo e vai a cozer numa forma untada com manteiga, em forno bem quente.

E por hoje, os desejos de boa subida e bom apetite da

TIA MARIQUINHAS.

BARROS PEIXOTO

FORUM ESPOSENDENSE

No passado dia 19, feriado municipal do Concelho de Esposende, nasceu nesta vila uma associação cívica para o desenvolvimento e progresso de Esposende. No acto da assinatura da escritura de entidade colectiva, estiveram presentes cerca de uma centena de pessoas, entre sócios fundadores e familiares, da «alta-roda» esposendense.

Esta Associação «Forum Esposendense» tem como Presidente o sr. João Rodrigues de Freitas, Inspector de Turismo; Secretário o sr. Tito da Silva Evangelista e Tesoureiro António Costa Terra. É Presidente da Assembleia Geral o sr. Dr. José Bernardino Amândio.

Conforme a declaração de Princípios, esta Associação Cívica para o Desenvolvimento e Progresso de Esposende firma-se nos ideais de Democracia, Liberdade e Justiça, compreendidos à luz da civilização ocidental e procurará aprofundá-los, num reforçado empenhamento cívico, no respeito da propriedade privada, no exercício da livre iniciativa e da plena criatividade de cada homem desde que enquadradas no meio físico e social.

Ocupando Esposende um esforço de importância capital na região em que se integra, impõe-se a sua defesa física, social e cultural, por forma a evitar a sua descaracterização.

Dos objectivos imediatos desta Associação destacamos o «Acompanhar a vida social, económica e cultural do concelho, promover o debate público de todas as questões que interessem ao concelho e região; divulgar o património histórico e cultural do concelho e tudo quanto a este diga respeito.»

Foram pioneiros, concretizadores desta Associação e «alma mater» os sócios fundadores Armindo Duarte, José Eduardo Felgueiras e Tito Evangelista a quem o concelho ficará muito a dever se a Associação agora fundada não ficar pela Declaração de Princípio.

RETALHOS DE POESIA

PEDAÇOS DE MIM

Deixei pedaços de vida
Pelas terras que passei...
Deixei pedaços de sonho
Pelos caminhos que andei...

Deixei pedaços da alma
Nas igrejas onde orei.
Deixei pedaços de pranto,
Pelos mortos que chorei...

Deixei pedaços de riso
Nas festas onde dancei.
Deixei pedaços de força
Nas lutas que já travei!

Deixei pedaços de versos
Por papéis que eu espalhei
Deixei pedaços de afecto
Por amigos que encontrei!

Deixei pedaços de esp'rança
Nos sonhos que idealizei!
Deixei pedaços de mim
No momento em que amei.

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

MAIS UMA HISTÓRIA VERDADEIRA

Não há dúvida que a gente de Fão, uma certa gente, tem piada, tem um sentido de humor notável. Sobretudo uma certa gente nova não se cobre nada de criar situações hilariantes com uma espontaneidade que faz lembrar a tal tendência para despertar o riso.

Nos tempos em que o Antunes trabalhava na Rita Fangureira apareceu numa tarde um jovem que se foi sentar ao balcão e pediu café e um maço de cigarros. A seu lado estava o Martini sorvendo muito paulatinamente uma cerveja.

Acabado o café, o cliente deixou o dinheiro em cima do balcão, levantou-se e foi à vida. O referido Antunes veio levantar a chávena e ao olhar o dinheiro não se conteve.

— Raios partam aquele gajo. Esqueceu-se de pagar os cigarros.

— Homem — acode de imediato o Martini — deixa lá. Pedes o dinheiro ao pai dele.

— E quem é o pai?

— Oh! Tu não sabes? É o Minguinhos.

— Ai é?

— Pois é.

E o tempo retomou a sua modorra. Martini continuou a disfrutar a sua bebida e o Antunes a aviar outra clientela. Nisto entra atrapalhado o tal jovem dos cigarros.

— Desculpe — diz ele, virando-se para o Antunes. — Esqueci-me de pagar os cigarros. Faz favor.

— Oh! Não tinha importância. — retorquiu o Antunes, simpático — O seu pai pagava.

— Ei! Você conhece o meu pai?

— Claro — acentua o Antunes.

E o jovem, já fora da porta, vira-se para dentro e murmura:

— Mas o meu pai... — e mais não disse. Encolheu os ombros como que a significar: «não importa» e prosseguiu o seu caminho.

Resta dizer que se tratava de um moço desconhecido e que do Minguinhos não são palpáveis indícios de salacidade.

PAGARAM A ASSINATURA

1989 — Reinor de Sá Pereira, França, 1000\$00; João de Deus Soares, Fão, 500\$00; José Feliciano Duarte, Barcelos, 1000\$00; Restaurante Rita Fangureira, Fão, 1000\$00; Prof. Elias Lopes Cardoso, Fão, 500\$00; Joaquim de Sousa Gafém, Porto, 500\$00; José António Matos Monteiro, Barcelos, 1000\$00; José Morais casanova, Braga, 750\$00; Manuel Faria Solinbo, Braga, 1000\$00; Joaquim António Silva Pinto, Porto, 1000\$00; António Didier Ferreira, Gaia, 1000\$00; Textil António Falção, Lda., Barcelos, 500\$00; José Martins Correia, Espinho, 1000\$00; Carlos Domingues da Venda Mariz, Braga, 500\$00; Jaime da Cruz Vilela, Lisboa, 500\$00; Amândio Ferreira, França, 1000\$00; Arq. Luís Pádua Ramos, Porto, 20.000\$00; D. Luísa Nobre Pádua Ramos, Porto, 20.000\$00; Armino Joaquim Costa Alves, Apúlia, 500\$00; Sapataria Silmar, Esposende, 1000\$00; Manuel Arantes Gomes, França, 1000\$00; José de Freitas, França, 1000\$00; Luís Eduardo M. Nogueira Nunes, Porto, 500\$00; Dr. Mário Basto, Porto, 500\$00; José Morim de Faria, França, 1000\$00; Eng. José Lopes Malheiro, Braga, 500\$00; Joaquim Magalhães, França, 1000\$00; 1989/90 - Jaime M. V. dos Santos, Porto, 1000\$00; Insp. Manuel do Cabo Fernandes Grilo, Fão, 1000\$00; 1990 - Armando Jorge Pereira Reis, Fão, 500\$00.



Longa Vida

o que é bom da natureza

BAIRRO SOCIAL

Chega-nos a notícia de que se pretende fazer um novo bairro social no lugar do Caldeirão. A ser verdade — em vésperas de eleições tudo pode ser verdade, tudo pode ser mentira — o local escolhido não parece ser indicado para a construção de um bairro social. O Caldeirão é um local vocacionado para o turismo. Tudo ali tem de ser devidamente planificado.

Se se pretende erguer realmente um bairro, sugerimos dois sítios exactamente nas Pedreiras: um situa-se no lado direito da nova variante à R. Serpa Pinto, perto já da Abarrosa, no sentido Fão-Barcelos; o outro sítio localiza-se no lado esquerdo da R. de Serpa Pinto a partir do momento em que a R. de Angola começa a fazer um cotovelo para a esquerda.

Não se esqueça: Fão é uma terra eminentemente turística.

ÁGUA IMPRÓPRIA

A água que os Serviços nos fornecem está imprópria para consumo. Consequência da falta de chuvas, sem dúvida, mas efeito também dos tintureiros sem escrúpulos que lançam toneladas de efluentes no rio próximo da captação das águas.

Pensamos também que a Câmara deveria ter accionado atempadamente os mecanismos para que a água de Santo António e do Bouro actuassem como alternativa.

Os cafés e restaurantes de Fão estão a utilizar água que vão buscar a Gandra.

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição de *Dicionário da Língua Portuguesa*.
Uma obra inovadora para o nosso país, feita em melhores condições utilizadas em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geral, como de especialidade. Enriquíssima não só no aspecto etimológico, com muitas datas novas relativas à origem e evolução de cada vocábulo, que mantêm esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da aplicação de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 8ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua de Restauração, 365/4089 PORTO CODEX
Livraria Arnaldo LDA. Rua de João Machado, 9-11/Apart. 375/3007 COIMBRA CODEX
BVP L. RUMINENSE LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA

FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA PRÁTICA DO MELÃO

(Continuado do número anterior)

A seguir, corta-se o plástico em volta das plantas com um canivete fazendo uma circunferência com 12 a 15 centímetros de diâmetro. Nessa altura, convém fazer uma ligeira amontoa, para que a perda de humi-

dade seja a menor possível e o plástico fique preso para não danificar as plantas, com os ventos.

Quando se não usa a cobertura com o plástico, convém fazer a 1.ª sacha, quando as plantas têm 15 a 25 centímetros de altura. A 2.ª sacha deverá ser feita logo que necessário, aproveitando para amontoar o terreno junto ao colo das plantas, estimulando a formação dum maior número de raízes, manter a frescura junto ao pé, reduzindo as regas. Se necessário, dever-se-á fazer uma 3.ª sacha.

As sachas poderão ser feitas à mão, ou mecanicamente, sempre que seja possível usar as máquinas.

18 — MONDA QUÍMICA

A utilização de herbicidas nesta cultura, está a ser introduzida com certa precaução. No entanto, há já alguns que têm dado resultados satisfatórios em aplicação na pré-emergência. Os que têm dado melhores resultados, são os produtos com as matérias activas «Bensulida e Naptalam», sendo os seus nomes comerciais «Prefar e Alanape».

19 — CAPAÇÃO OU PODA

A poda chama-se vulgarmente «capação». Pode ser curta ou longa.

Na primeira apressa-se a maturação e a frutificação, estimulando a formação de frutos grandes.

Na segunda a finalidade é obter frutos médios e permitir uma condução equilibrada das plantas, sobretudo nas variedades pujantes. Em qualquer dos casos, começa-se pela supressão do caule acima das suas primeiras folhas, quando as plantas já têm 4 folhas. Deste modo, dá-se origem ao aparecimento de dois braços, que saem da axila das folhas. Estes braços são mais tarde podados, acima

da 3.ª ou 4.ª folha, no caso da poda curta, e na 7.ª ou 8.ª folha, no caso de poda longa. Deixam-se dois ou três frutos por pé, quando se pretendem grandes e quatro ou cinco, quando se querem frutos de tipo médio.

Há países, que na cultura extensiva não fazem podas, limitam-se a fazer a supressão dos frutos em excesso, que existam nas plantas.

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Adubos Químicos • Insecticidas
Sementes Hortícolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE

A-Ver-o-Mar ☎ 681765 PÓVOA VARZIM

FILIAL

R Filipa Borges ☎ 812199 BARCELOS

20 — CUIDADOS DURANTE A MATURAÇÃO

Para se obterem frutos com bom valor comercial, há que ter alguns cuidados neste período.

Assim:

- Protegem-se da humidade do solo, com palha ou feno seco.
- Cobrem-se com palha se as folhas são insuficientes para evitar a acção escaldante do sol, nos dias de muito calor.
- Viram-se a pouco e pouco, de maneira que a luz do sol os amadureça uniformemente.
- Não os colher demasiado verdes.

21 — ADUBAÇÕES FOLIARES

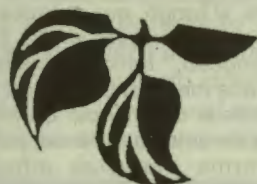
Estas têm grande interesse na cultura do melão, dado que além dos macro-elementos (azoto, fósforo e potássio), fornecem também os micro-elementos como magnésio, cálcio, boro, zinco, enxofre, molibidénio, ferro, cobre, etc.

Em condições normais, dever-se-á proceder do seguinte modo:

- Usar o Complezal 12-4-6, na fase inicial da vetação, isto é, até à floração, na dose de 250/300 c. cúbicos em 100 litros de água em pulverização. Serão necessárias 3 pulverizações intervaladas de 15 a 21 dias.
- Usar o Complezal 5-8-10, da floração até à colheita com 3 aplicações intervaladas de 15 a 21 dias nas doses de 250/300 c. cúbicos em cada 100 litros de água em pulverização.

Nota: Se na 1.ª fase (antes da floração) das plantas estiverem vigorosas, convém substituir o Complezal 12-4-6 pelo 5-8-10.

(Continua na pág. 10)



BATATA SEMENTE DE ALTA QUALIDADE! PRODUZIDA NA HOLANDA!

COOPERATIVA OBTENTORA DE VARIEDADES MUITO PRECOSES - PRECOSES SEMI PRECOSES - SEMI TARDIAS E TARDIAS COM EXCELENTES CARACTERÍSTICAS PARA PRIMORES. CONSUMO. EXPORTAÇÃO E INDÚSTRIA:

DESIREE - JAERLA - BARAKA - MONALISA - EDZINA

VARIEDADES EXPERIMENTADAS (- VERMELHAS: Asterix, Bartina,

EM PORTUGAL (Cleopatra

(- AMARELAS: Berber, Concurrent,

(Frisia, Mansour, Obelix, Ukama,

(Van Gogh



DE Z.P.C.: SOMOS A BATATA DE SEMENTE

Z.P.C. — PORTUGAL, LDA.

Apartado, 259

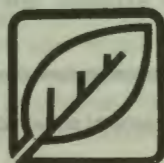
Telefax (034)311912

3800 AVEIRO

(Continuado da pág. 9)

22 — CORRECÇÃO DE CARÊNCIAS

Desde que se utilizem as adubações foliares, com micro-elementos, a não ser em casos especiais, não será provável haver carências. No entanto, como o melão é muito exigente em molibedénio, sempre que apareçam os sintomas de carência, isto é, quando as plantas amarelecem e os bordos



MULTIPLANTA

Sociedade de Fomento Hortícola, Lda.

VIVEIRISTA

PÉPINIÉRISTE

MORANGUEIROS

ÚNICOS DETENTORES PARA PORTUGAL DAS MARCAS REGISTRADAS OAS SÉRIES DOUGLAS® E CHANDLER®

(LICENÇA ZANZI-ITÁLIA)

ACTINIDIAS (KIWIS)

OUTRAS ESPÉCIES FRUTÍCOLAS

VIVEIROS DE MORANGUEIROS DE ALTITUDE NA SERRA DA ESTRELA

PRODUTORES E EXPORTADORES

TELEF. 42197

3060 CANTANHEDE

das folhas se põem da côr do tabaco, convém fazer tratamentos específicos, empregando o molibedato de amónio na dose de 3 a 5 gramas por 100 litros de água em pulverização. Há conveniências em repetir o tratamento, 15 a 21 dias após o primeiro, sobretudo se o tempo se mantiver frio.

23 — PRAGAS E SEU COMBATE

O melão, como quase todas as culturas, são atacadas por insectos e ácaros. Vamos

descrever os mais frequentes nesta cultura.

Assim;

- a) Piolhos, pulgões ou afídeos.
- b) Joaninhas.
- c) Aranhaço vermelho.

a) Afídeos ou piolhos

Estes atacam os botões, raminhos e as folhas, sugando-os a ponto de acabarem por secar. Os maiores prejuízos verificam-se nas plantas mais jovens.

Estes são os responsáveis pelas principais viroses. O piolho que mais frequentemente ataca esta cultura é o *Aphis gossypii* Glover que tem a cor verde e que se mantém nos caules e nas folhas, sugando e segregando um líquido pegajoso, que as envolve. São difíceis de combater por serem polífago vivendo num sem número de plantas, que circundam os meloais. O seu combate eficaz é feito com Decis à razão de 50 c. cúbicos em cada 100 litros de água em pulverização. Quando as folhas das plantas estão enroladas tem necessidade de recorrer a um insecticida sistémico — o «Digor», na dose de 100 c. cúbicos em 100 litros de água em pulverização.

b) Joaninhas

É outra praga que ataca esta cultura.

Os prejuízos manifestam-se nas folhas que são atacadas pelas larvas e adultos, retardando o crescimento das plantas e o desenvolvimento dos frutos.

Podem combater-se usando o Decis na dose de 50 c. cúbicos em 100 l. de água em pulverização. Esta convém ser bem feita, de modo, que se molhem todas as partes das plantas. Pode usar-se também o Thiodan em pó molhável, ou em líquido na dose de 400/500 g. ou 400 a 500 c. cúbicos em cada 100 litros de água em pulverização.

c) Aranhaço Vermelho

Os sintomas desta praga, manifestam-se pelo amarelecimento e seca das folhas, podendo em poucos dias destruir uma cultura. Deve ser devidamente controlada, desde o

início da sementeira. O seu controle pode ser feito com o Acaricida Hoechst na dose de 250 c. cúbicos em cada 100 litros de água em pulverização.

estrela adubo
FÁBRICA DE ADUBOS ORGÂNICOS, LDA
ADUBO CORRECTIVO ORGANOQUÍMICO

Composição:		Proteína (N) 20	20
Matéria orgânica (%)	20	20	20
Ázoto total (N) (%)	2,4	0,8	
Fósforo P ₂ O ₅ (%)	2	0,5	
Potássio K ₂ O (%)	1,5	0,3	
Colina - Cl (%)	20	0,50	
pH	6 a 7		
C ^o 17 x 25			

ESTAMOS DESENVOLVENDO A MINHOCULTURA
CONSULTE-NOS
Est. Nac. N.º 2 MUNA - LORDOSA
Telex 53386 Adubos P
Tel: (032) 91282 - 91283
Apart. 48 Viriato 3500 VISEU

50kg KILOS

24 — DOENÇAS E SEU COMBATE

As principais doenças, que costumam atacar esta cultrura, são:

- a) O oldio (*Erysiphechichoracearum DC*)
- b) A antracnose (*colletotrichum lagenerium*) (Pass) Ell e Halst
- c) Mildio
- d) Complexo fusariose-Verticiliose

a) Oídio (*Erysiphechichoracearum DC*)

A principal doença que ataca o melão, no nosso país é esta. O fungo, que provoca esta doença é *Erysiphechichoracearum DC*. É extremamente perigoso, dando origem à destruição total dos meloais, ou reduz a sua produção e qualidade dos frutos. Os sintomas nas folhas é de uma capa tênue, pulverulenta que forma manchas difusas, branco-acinzentadas, que se chegam a juntar para cobrir as páginas superior e inferior.

Os primeiros sintomas aparecem na página inferior logo que isto aconteça, deve iniciar-se de imediato os tratamentos. O produto mais indicado para o efeito é o Afugan na dose de 50/75 c. cúbicos de água em pulverização. Como preventivo pode usar-se com intervalos de 15 dias. No caso de curativo, convém reforçar a dose para 75/100 c. cúbicos e fazer dois tratamentos intervalados.

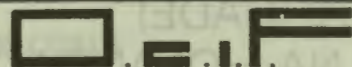
5 a 7 dias, voltando a seguir a intervalos de 15 em 15 dias.

Convém, sempre que possível, usar variedades resistentes a este fungo.

As que se conhecem em Portugal são: Do grupo *reticulatus*-o cantalupo americano, a P.M.R. n.º 45 a P.M.R. n.º 5 e a P.M.R. n.º 6;

b) Antracnose (*Colletotrichum lagenerium*) (Pass) Ell e Halst.

CALIBRADORES DE FRUTA



MINI-LINHA COMPACTA

Indicada para espaços limitados

Rendimento de 2.5 - 3 ton/h

CONSULTE A **Sondeca**

TEMOS A SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA

PARCEIROS — APARTADO 12 — 2401 LEIRIA CODEX • TELFS.: 33 401-34 967 • TELEX 43811 ELJND P • TELEFAX 33693

(Continua no próx. número)

ESPOSENDE

NOTÍCIAS VÁRIAS

Uma das notícias mais dramáticas que tem corrido no n/ Concelho diz respeito ao problema da água, situação para a qual as populações do nosso meio não estavam prevenidas ou alertadas.

Neste caso, as gentes de Esposende, Fão, Apúlia e outros locais foram esquecidas ou não tiveram o respectivo direito de informação, informação esta de direito público, já que muitas vidas poderiam correr o risco de ver agravada a sua saúde, principalmente crianças.

Mas, neste caso a nossa digníssima Câmara optou pelo silêncio, colocando à prova a perspicácia do nosso povo.

Se as eleições fossem neste período, apareceriam com certeza muitos panfletos, que prometeriam entre outras coisas: água potável, caminhos, ruas, saneamento, escolas, casas para pobres, ringues desportivos, mercados, salões paroquiais, etc.

Talvez nas próximas eleições as listas concorrentes venham prometer, que a água potável não mais faltará, que o pinhal vai ser mais limpo e que as populações serão sempre informadas / qualquer alteração ao seu meio ambiental. Sinceramente não acreditamos em tal.

Sendo o estado da água, um problema de todos, esta é aproveitada para fazer política, e não para esclarecer.

★

Um novo posto de Turismo está a ser construído em Esposende, vai ficar situado na parte Sul do jardim do Tribunal, ao lado da estátua de D. Sebastião.

Não nos parecendo o sítio mais apropriado para a sua localização, em virtude de este posto esconder a estátua do Rei que deu o foral a esta Vila, dos visitantes menos atentos a estas coisas

da História Portuguesa e que transitam no sentido Sul Norte.

A autarquia deveria construir novos espaços verdes, por mais pequenos que sejam e não destruir os que já existem.

DESPORTO

Tendo começado o campeonato da 3.ª Divisão Nacional com o pé direito, a A. D. Esposende parece querer dar a alegria à muito desejada pelos seus sócios, directores e simpatizantes, subida ao escalão superior.

Os resultados dizem bem das aspirações do clube que em três jogos conseguiu 5 pontos: A. D. Esposende, 5 - Ribeirão, 1; Maia da Fonte, 1 - Esposende, 1; e Esposende, 1 - Amares, 0.

★

O Departamento Júnior da A. D. Esposende, levou a efeito o 1.º Torneio Quadrangular Júnior de Esposende, que com as presenças do Rio Ave, Braga, Esposende e Marinhas, classificadas por esta ordem, foi uma agradável surpresa.

Os resultados foram os seguintes: Marinhas, 0 - Rio Ave, 11; Esposende, 1 - Braga, 2; Rio Ave, 3 - Braga, 0; e Marinhas, 0 - Esposende, 4.

JMRV

UM REPARO

Já não vai a tempo. O facto está praticamente consumado. Referimo-nos ao prédio que estão a erigir na antiga alameda do Bom Jesus, mais concretamente, nos terrenos onde se ergue o conhecido «chalet». Enquanto a obra estava no início não se descortinava o formato que aquilo ia ter. Agora com as fachadas erguidas já se lobriga. Aquilo até parece um comboio, nada condizente com a parte nobre de Fão. Pensamos que no risco ou na elaboração do projecto só houve uma preocupação que foi obter a maior rentabilidade possível. Está-se a fazer um prédio em propriedade horizontal.

Para o local, tendo em vista as características de Fão, devia ser chamado um arquitecto paisagístico que por sua vez tivesse feito uma visita a Óbidos.

Fão tem necessidade de novos edifícios, mas esses edifícios devem integrar-se na respectiva área paisagística. Não se devem consentir caixotes de cimento como infelizmente tem acontecido. Pensávamos que esse período de inconsciência tivesse já passado. É certo que nos dizem que o projecto já tem seis anos mas as obras só agora (1989) começaram.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
José Ferreira Neves
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia PereiraPROPRIEDADE:
Armando dos Santos SaraivaADMINISTRADORA:
Zita SaraivaREDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 - Fão
Telefones 961475 - 962150COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII - Telef. 684318Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

A BRASILEIRA
PORTO

Nós somos café



ENTRE PINHAL E MAR,
JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de todo, ambiente ideal para repousar e passar, que se ergue o



HOTEL DO 'PINHAL' ☆ ☆ ☆

OFIR - FÃO - 4740 ESPOSENDE
TEL. 053-96 14 73/4 - TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Com quartos. Bares. Restaurantes com especialidades minhoas. Terras. Jardins. Relvados. Piscinas. Ténis.

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

FRANCISCO, O POBREZINHO

Um leitor de «O Novo Fanguero» sugeriu ao Director deste Jornal a publicação de um artigo sobre S. Francisco de Assis, cuja festa se celebra no dia 4 deste mês de Outubro.

Dado que um artigo de carácter religioso transcenderia a índole deste Jornal, tentar-se-á apenas falar um pouco de Francisco de Assis enquanto Homem que, embora à distância de sete séculos, também fez parte deste mundo em que vivemos.

A MORTE DE RUI GOMES

Durante o mês de Setembro um telefonema feito directamente para a redacção do nosso jornal dá-nos conta do passamento em terras do Algarve do nosso prezado amigo Rui Lúcio Gomes.

Conhecemos Rui Gomes há uns anos atrás quando, trazido pela mão de seu tio Artur Aires, ficou a dirigir o Hotel Ofir. Depois, quando o velho Aires vendeu o complexo de Ofir a António Brandão e Arquitecto Vinagre, Rui Gomes ficou como concessionário. Tivemos então a oportunidade de testemunhar a garra de dirigente deste nosso malogrado amigo. Juntamente com Constantino Araújo tentou e conseguiu abrir o mercado dos Estados Unidos e do Canadá.



A sua fúria» ia toda para a Câmara pois no seu entender a edilidade não secundava os esforços e as despesas dos hoteleiros locais no sector de propaganda.

Com a subida do petróleo 1973 e sobretudo com o impacto verificado na hotelaria com o 25 de Abril, abandonou a nossa terra indo estabelecer-se em Lisboa. Ao fim de poucos anos radicou-se no Algarve onde a vida lhe estava a correr de feição. Infelizmente foi acometido de doença que não perdoa.

Que descanse em paz.

À família enlutada e de um modo especial a sua esposa os nossos pêsames.

Chamado pelos seus compatriotas «Il Poverello», isto é «O Pobrezinho», na verdade poucas pessoas terão sido tão ricas, de uma riqueza interior, que não se mede em cifrões, mas que é um valor de todos os tempos e que resulta de um conjunto de qualidades que são tão actuais hoje como há setecentos anos.

Francisco nasceu na cidade de Assis, em fins do século XII. Filho de um rico mercador, teve a infância desafogada e a juventude alegre e despreocupada de menino de família abastada.

A vida, porém, deu-lhe uma «sacudidela»: tendo participado numa guerra, foi confrontado com realidades até então afastadas do seu mundo feliz: viu de perto a morte, o sofrimento, os feridos e moribundos, a atrocidade e a violência. Profundamente abalado, resolve mudar radicalmente de vida, e é então que começam a evidenciar-se as qualidades que o tornariam digno do respeito e da admiração de sucessivas gerações.

A primeira a destacar, será a coragem. Coragem para sair de casa, renunciando voluntariamente a uma vida de abundância e divisões pelas ruínas de uma antiga Igreja, onde passou a viver, em desconforto e privações. Coragem, também, para enfrentar a ira paterna e a troça e o desdém dos seus conterrâneos. Coragem, ainda, para, numa época em que a Igreja se afirmava pelo poder e pela riqueza, ousar enfrentá-la, criando uma Igreja mendicante, uma Igreja pobre, vivendo de esmolas.

Pensemos um pouco: quantos de nós teriam a coragem de trocar o bem estar de suas casas pelo desconforto de umas ruínas, o lar onde todos os dias se põe a mesa, pelo menos três vezes ao dia, pelas sobras de comida recebidas por esmola? A interrogação aqui fica.

Depois, a humildade. Humildade com que suportou as críticas, as ironias, os insultos. Humildade, também, com que trocou os seus trajes de luxo pelas mais pobres vestes. Humildade, ainda, com que mendigava, de porta em porta o seu sustento, o dos seus seguidores e o dos pobres que socorria; humildade com que recebia igualmente o sim e o não.

Por fim, o AMOR. AMOR no verdadeiro, no autêntico sentido da palavra: Amar = Querer bem. Esse querer bem que o levava a considerar fraternalmen-

te todos os seres vivos, que o levava a dizer do lobo «irmão lobo», da flor «irmã flor», da água «irmã água» do sol «irmão sol». Amor, também com que repartia as esmolas recebidas pelos mais necessitados, amor com que em dia gélido tirou a capa dos seus ombros para nela envolver um mendigo. Amor, ainda, com que se ajoelhava junto dos doentes, curando-lhes as feridas, tratando-os e confortando-os, amor com que cuidava dos abandonados e famintos.

Porque estes valores são de todos os tempos, aqui tentamos deixar, se bem que inevitavelmente incompleta, a imagem, em singelo e desprezioso esboço, de Francisco de Assis.

E, nestes tempos em que a ambição desmedida, a irresponsabilidade e a impunidade estão a pôr em risco a camada de ozono que torna o sol um bem inestimável, nestes tempos em que o ódio e as guerras exterminam populações e ameaçam o futuro da Humanidade, têm um certo sabor a nostalgia estes excertos de «CANTICO AO SOL», de Francisco de Assis, com os quais terminamos estas simples e modestas linhas:

«Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo irmão sol que clareia o dia
E com a sua luz nos alumia.

.....
Louvado sejas, meu Senhor,
Por nossa irmã a Mãe-Terra
Que produz coloridas flores e frutos.»

FÃO

És um paraíso de poetas
de fina veia popular
onde cantores e cigarras
não param de te cantar.

Estás na margem do rio
mais lindo de Portugal
e ostentas no teu «Brazão»
o mar, o rio e o pinhal.

Na doce paisagem que mostras
és berço de rara beleza.
No teu pinheiral zumbidor
tens encanto da natureza.

Na espuma branca da praia
voam os anjos a toda a hora
e no azul desse teu mar
tens o manto de Nossa Senhora.

És a terrinha mais linda
pareces um recanto dos Céus
onde só faltam os Apóstolos
sentados à volta de Deus.

Quem não respira teu pinhal?
Terra amiga... gente querida!
Quem não aspira de te amar
uma única hora na vida?

88/07/01 ZÉ NOCAS

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO